

Cadernos de estágio

A prática docente no Ensino Médio na EJA em escolas públicas da zona norte de Natal/RN e o resgate ao amor pela docência

*Jonatas Mateus*¹

Informações

jonatasmateus57868@gmail.com

Como citar este texto

MATEUS, Jonatas. A prática docente no Ensino Médio na EJA em escolas públicas da zona norte de Natal/RN e o resgate ao amor pela docência. Cadernos de Estágio v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42989](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42989)



Volume 8, N1

Cde

Janeiro - Julho

Submetido em: 12 de Fevereiro de 2026

Publicado em: 18 de Maio de 2026

ISSN: 2763-6488

Caracterização e primeiras impressões da escola

A escola em destaque está situada na zona norte de Natal, marcada por ser uma escola de regime muito rígido, mas que os pais e os responsáveis têm uma admiração imensa pela gestão, uma vez que, mesmo com a rigidez, a gestão escolar é caracterizada pela transparência com a comunidade escolar, professores, alunos e demais funcionários. Percebi como toda a gestão escolar tem um carinho com os alunos da EJA, de modo que os alunos que estão no último ano sempre são chamados para participar das aulas preparatórias para o ENEM – reforçando a importância desse exame e do ingresso no Ensino Superior – além das fortes colaborações para que os alunos da EJA também participem das aulas de campo que acontecem.

Pude notar também que diversas senhoras faziam parte do quadro de alunos, em sua maioria do Ensino Fundamental I. Com isso, notava que muitas me olhavam com um olhar alegre sempre que eu desejava um boa noite, uma inclusive uma me perguntou se eu era aluno, pois nunca tinha me visto antes, então falei que na verdade eu estava fazendo estágio para ser professor, e a reação dela além de surpresa foi “Nossa como você é jovem e já dar aula meu filho, parabéns!”. E eu pude notar uma satisfação incrível nela ao contar isso, e são momentos como esse que me fazem lembrar o motivo de eu ter escolhido

essa profissão, não pelo fato de começar a dar aula cedo, mas sim pela alegria que isso me dá, e mesmo não dando aula para aquela senhora, a alegria que é ser recebido pelos alunos é algo que aquece o coração. Era muito gratificante chegar à escola e ser recepcionado não somente pelos alunos da turma que eu estava observando e iria dar aula, mas também ser recepcionado de forma calorosa pelos demais colegas de profissão e perguntarem da experiência, do aprendizado, se está gostando etc. Sem dúvida alguma isso serviu de combustível para conseguir cumprir o que eu deveria cumprir.

Também não pude deixar de sentir que pela primeira vez em todos esses momentos de estágio lidaria com um público totalmente diferente do que eu já estava acostumado. Pois ali, em sua maioria, encontrava-se uma classe trabalhadora que passou o dia trabalhando e a noite ainda tinha que ir assistir aula, pois sabiam que ali era uma oportunidade de mudar de vida. Por isso, ao começar a preparar as aulas, pensei em como poderia torná-las boas, eficientes e que transmitisse conhecimento para eles. Assim, conhecendo a realidade de muitos alunos ali presentes, busquei fazer das aulas um ambiente em que não fosse aula de História pela aula de História, mas sim contemplando outras áreas. Para isso, destaco a fala do autor Azemar Júnior:

Tem importado, cada vez mais, entender a História do meu aluno, de sua família, de sua rua, sua comunidade; os pro-

blemas que são vivenciados (e que nem sempre são diferentes dos nacionais ou globais); suas preocupações, medos, angústias, desejos e sonhos (Soares Júnior 2019, p. 170).

Período de observação

O período de observação das aulas do professor de História caiu nas quintas e sextas feiras, o que fazia com que o número de alunos fosse menor nesses dias. Ao começar a aula, notei que o professor de História não utilizava muito o quadro, mas sim uma lista com os principais pontos que seriam trabalhados na aula em questão, dessa maneira, os alunos anotavam alguns detalhes falados pelo docente na própria folha. Por vezes o professor também usava slides e essa lista. Perguntei o motivo da utilização desse método, e ele me falou que pela sua experiência em sala de aula, sabia que muitos alunos chegavam cansados na aula, e escrever muitas coisas seria mais desgastante, pois possivelmente não iriam escrever e muito menos entender o que se estava passando. Por isso, ele adaptou essas listas. E pude observar que esse método era realmente eficiente, uma vez que em todo esse período observei os alunos fazendo constantes anotações e perguntas sobre as aulas.

Uma coisa que me chamou muita atenção, foi o fato do professor de História fazer comparações do assunto estudado com a contemporaneidade, de modo que o que está sendo estudado poder ser trazido para os dias atuais, e conseqüentemente para a realidade

dos alunos. Ao iniciar o conteúdo de História do Brasil, o professor abordou a chegada dos portugueses, destacando o período de pré-colonização. Nesse momento, explicou que não havia, inicialmente, um interesse efetivo na colonização do território, mas sim na exploração comercial, especialmente voltada ao comércio de especiarias. Em seguida, o professor enfatizou o processo de extrativismo, com destaque para a exploração do pau-brasil, a construção de feitorias e a prática do escambo estabelecida com os povos indígenas que já habitavam essas terras. Além disso, problematizou a ideia de “descobrimento”, ressaltando que, antes da chegada dos portugueses, já existiam sociedades organizadas, com culturas e modos de vida próprios.

Durante a aula, um aluno mais velho, com cerca de 35 a 40 anos, comentou que já havia estudado esse conteúdo anteriormente, mas nunca havia compreendido como os europeus tinham conhecimento da existência de novas terras. O professor demonstrou entusiasmo com a pergunta, destacando sua relevância, e explicou que esse conhecimento vinha de mapas antigos, produzidos desde a Idade Média. Para ilustrar, utilizou o próprio celular para mostrar exemplos desses mapas, o que deixou o aluno satisfeito por ter contribuído com a discussão.

Outra aula que chamou atenção ocorreu em uma turma de 3º ano, quando o professor abordou o período do Segundo Reinado. Ele explicou que Dom Pedro

4

II adotou medidas tanto para atender aos interesses da elite brasileira quanto para responder às pressões da Inglaterra em relação ao fim da escravidão. Nesse contexto, apresentou as principais leis abolicionistas: a Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei do Sexagenário (1885), culminando na Lei Áurea, em 1888. Nesse caso, o professor problematizou o fato de que, após a abolição, os ex-escravizados não receberam apoio ou direitos que garantissem sua inserção digna na sociedade, sendo deixados à própria sorte, muitas vezes em condições extremamente precárias. Um aspecto marcante das aulas é a constante relação estabelecida entre o conteúdo histórico e a realidade atual. Por fim, ele relacionou essa situação a contemporaneidade, destacando como ainda nos dias atuais existem discursos que defendem a retirada de direitos trabalhistas, e como essas ideias são, muitas vezes, apresentadas à classe trabalhadora como se fossem benefícios.

Período de regência

Durante o período de regência, o professor pediu que eu ministrasse somente história indígena, então quando fui preparar as aulas, tive muito trabalho tentando fazer com que o conteúdo não fosse só pela forma, mas que trouxesse contexto. Desse modo, o início do preparo das aulas foi algo desafiador. Isso porque, para além da inexperiência, existe o fato de certas considerações

precisavam ser pensadas, como o que seria escolhido, o que seria deixado de fora, o que seria falado primeiro e o que seria falado depois. Após o planejamento, consegui estruturar um modelo que iria seguir e que me deixava seguro de ministrar. Comecei usando um caderninho, por causa da ansiedade, mas as aulas foram fluindo de uma maneira tão natural que muitas vezes nem era necessário, ficando, na maioria das vezes, dentro da bolsa. Durante esse período de regência, segui o modelo que vi no período de observação pelo professor: pouca escrita no quadro e folhas de resumo. Consegui também uma sala com projetor, o que foi perfeito para conseguir passar o documentário “Guerras do Brasil”, em que o primeiro episódio tratava sobre guerras e massacres indígenas, e também consegui levar para sala de aula o quadro “O último Tamoio”, do autor Rodolfo Amoedo (1883).

Sendo assim, ficou evidente que o momento de preparo da aula foi sem dúvida um momento desafiador, mas também um momento crucial na minha formação. Pois, enquanto selecionava o que seria dado em aula, me vi refletindo sobre minha trajetória no curso de História e como meu amor pela docência tinha sumido, talvez por comodismo ou por tentar mudar de área (coisa que já não quero mais). Assim, cada noite em que eu tive para me preparar, me deparei com o grande momento em que sonhava desde o início do curso, e acredito

que foi essa lembrança que me deu um conforto interno. E por meio disso que consegui terminar todo o planejamento de forma muito tranquila, pois com tanta coisa em minha mesa eu não conseguia ter um norte para dar início ao planejamento das aulas. Essa experiência lembra o que Jorge Larrosa Bondía afirma:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber [...] o que consegue é que nada aconteça (Bondía, 2002, p. 22).

Dessa maneira, com tudo preparado, dei início ao meu Estágio Docente, seguro de que toda a preparação para aquele momento estava cumprida, e assim pude entrar em sala de aula confiante do que eu tinha preparado, e mais do que isso, seguro do lugar que eu queria estar por muitos anos como profissional.

Aulas sobre História Indígena

Na primeira aula, comecei entregando uma folha aos alunos que continha o samba enredo da escola de samba Mangueira, do ano de 2019, que teve por tema “História para ninar gente grande”. Decidi levar esse samba enredo por acreditar no que destaca o autor Júnior (2019, p. 169) “o ensino de História deve partir das sensibilidades, daquilo que nos passa, nos toca e nos forma a partir do que sentimos”.

A partir da análise dessa música, fomos trabalhando a temática em questão,

e fui norteando as perguntas e explicando o significado da música, de forma em que pude, junto dos alunos, ligar a contemporaneidade ao passado, usando a lei do marco temporal (Lei 14.701/23) para explicar questões de demarcações indígenas e da luta constante dos indígenas com relação ao assunto.

Utilizei, também, uma citação do Ailton Krenak para elucidar a ideia de uma ancestralidade e identidade que foi roubada pelos portugueses:

Talvez estejamos condicionado a uma ideia de pensamento [...]. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo (Krenak, 2020, p. 57).

E assim consegui dar continuidade a aula, fazendo referências à atualidade, usando a música selecionada, e também, utilizando o conhecimento de mundo que os alunos traziam consigo, como por exemplo a banda Grafith ou Edson Gomes para ilustrar o papel da música, que apesar de marginalizada, funciona como uma forma de resistência.

Senti-me muito satisfeito pelo fato de ao longo da aula tiverem surgido indagações como: “O que é um tamoio?”; “O que seria esse dragão do mar?”; “Quem seria essa Dandara?”. Após ir respondendo às perguntas e dando continuidade a aula, falamos sobre as constantes invasões que o Brasil sofreu desde 1500, e assim, pudemos falar sobre as invasões policiais em bairros periféricos, e a partir desse momento diversos

relatos surgiram sobre a violência policial. Assim como destaca o Jorge Larrosa Bondía, afirmando que a palavra e a linguagem possuem um poder profundo na constituição do ser e do sentido (2001), os alunos puderam de forma clara e direta, não apenas compreender as comparações feitas como também puderam trazer elementos vividos por eles para a aula, de modo que, os 10 minutos finais da aula foram somente dos alunos falando sobre seus relatos acerca de truculências policiais que já passaram.

Como acordado com o professor orientador, exibe o documentário “Guerras do Brasil” para a turma, em que o episódio falava sobre o processo de colonização, guerras e mortes que aconteceram na história do Brasil. No decorrer do documentário, foram exibidas diversas comunidades, mostrando suas diferenças, tanto culturais como fenotípicas. Em seguida, destaquei a relação dos indígenas com a natureza, e como eles enxergam ela como um meio de conseguir o essencial de forma subserviente, prática totalmente diferente da lógica europeia que busca retirar o máximo da natureza, explorando-a ao máximo.

Uma coisa interessante que também ocorreu durante a regência das aulas, foi quando eu destaquei que essa obra era de um período denominado romantismo, destacando que os autores dessa corrente eram muito descritivos, usando como exemplo o escritor José de Alencar, que levou algumas páginas so-

mente falando do vento que tocava as árvores, fiz isso lendo o texto em questão no meu kindle. Enquanto lia, me balançava como uma árvore, momento que automaticamente gerou risos na turma. A partir disso, percebi como esse pequeno momento fez com que eles entendessem o conteúdo, apesar de considerar que a aula estava sendo realizada em uma sexta feira a noite, com todos da sala claramente cansados, essa animosidade deu um fio de ânimo não somente para eles, mas para mim também. Com isso, é salutar fazer menção ao que Júnior (2019, p. 179) afirma: “É preciso chamar a atenção dos professores para o fato de que sensibilidade e experiência andam juntas, como um acordo íntimo. Não se vive o que não se sente, e vice-versa”.

Considerações finais

Entre tantas experiências que pude vivenciar durante o período dos Estágios Obrigatórios, o meu reencontro com a paixão pela docência foi o que mais me marcou. Ver aquele entusiasmo do começo do curso de volta foi, sem sombra de dúvidas, a coisa mais gratificante que eu pude encontrar junto com a alegria que era a cada noite que eu tirava para planejar a aula que eu lecionaria.

Como destacado pela Gago (2020), a aula que damos e contamos em sala de aula só pode ser aplicada quando a aprendemos e entendemos como podemos contribuir para que essa história seja

um aprendizado na construção do aluno.

Assim sendo, destaco que por maior que fossem minhas referências e fontes utilizadas para ministração das aulas, a vivência com os alunos e o entendimento de suas realidades me fizeram modificar totalmente meu planejamento, fizeram com que eu tivesse uma nova percepção de como eu poderia levar um conteúdo importante para eles, mas que também representasse um encontro deles com o conteúdo.

Referências

GAGO, Marília. A aula-oficina na caminhada de aprender a ser professor de História. **Roteiro**, Joaçaba, v. 45, p. 1-18, jan./dez. 2020.

7

CASTRO, Débora Quezia Brito da Cunha; AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **A Base Nacional Comum Curricular e o ensino de História nas escolas públicas de ensino médio em Natal/RN**. Recife. 2019.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. Ensino de História e Sensibilidade: O Ver, O Ouvir e O Imaginar Nas Aulas de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 25, n. 02, p. 167-190, jul./dez. 2019.